

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM PATRIMÓNIO, MUSEOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos
de Belver

De manufatura a unidade de memória

José Luís Neto

Ponta Delgada

2015

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos
de Belver

De manufatura a unidade de memória

José Luís Neto

Dissertação apresentada à Universidade
dos Açores para obtenção do grau de
Mestre em Património, Museologia e
Desenvolvimento sob a orientação das
Professoras Doutoradas Susana Goulart Costa e
Isabel Victor

Ponta Delgada

2015

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória

A Natividade Nunes da Silva – carpetes, colchas, tapetes e linhos de Belver
De manufatura a unidade de memória

*Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

À Miche, ser humano excepcional e singular

Índice

Introdução	p. 003
Metodologia	p. 005
I – A TEIA	
1.1 – Produções têxteis tradicionais portuguesas	p. 008
1.2 – Matérias – primas	p. 013
1.3 – Tecelagem	p. 020
II – A TRAMA	
2.1 – Conhece-te a ti mesmo	p. 025
2.2 – A política do espírito	p. 032
2.3 – Janus, um regime de duas caras	p. 039
III – O PONTO	
3.1 – As terras de Guidintesta	p. 046
3.2 – A Fábrica Natividade Nunes da Silva	p. 051
3.3 – Ponto – Origem	p. 060
IV – A UNIDADE DE MEMÓRIA	
4.1 – A imagem da Nação no triângulo de Belém	p. 067
4.2 – Museus etnográficos ou museus têxteis?	p. 073
4.3 – O Museu do Sabão de Belver	p. 081
4.4 – Da “Natividade...” ao “Museu da Tecelagem de Belver”	p. 098
Conclusão	p. 106
Anexo 1	p. 108
Anexo 2	p. 110
Anexo 3	p. 115
Anexo 4	p. 117
Anexo 5	p. 122
Anexo 6	p. 125

Anexo 7	p. 127
Anexo 8	p. 131
Anexo 9	p. 133
Anexo 10	p. 140
Anexo 11	p. 145
Anexo 12	p. 154
Anexo 13	p. 161
Anexo 14	p. 162
Anexo 15	p. 170
Anexo 16	p. 172
Bibliografia	p. 173
Resumo/Abstract/Resumen/Abstrakt	p. 178
Agradecimentos	p. 180

Introdução

Esta dissertação não pretende constituir-se como uma síntese final na história da antiga fábrica Natividade Nunes da Silva, de Belver, no Gavião, tão pouco procura encerrar uma discussão que precede a existência da criação de uma instituição de natureza museal, bem como da própria fábrica e que certamente continuará ainda por mais um bom par de séculos pelo menos. O objetivo é relativamente modesto, o de criar um objeto que sem renunciar à solidez e rigor dos incontáveis trabalhos que o suportam e sustentam, provenientes das mais variadas áreas do saber, seja, em simultâneo, um texto no qual se aprenda algo de proveito e prazeroso, ou seja, que não se torne fastidioso para o leitor. Espero que existam arte e engenho em tal empresa, que mesmo modesta, demonstrou ser de monta.

Das incontáveis escolhas com que nos deparámos, optámos por trilhar esse nosso caminho através da criação de quatro explanações distintas na sua aparência, mas que contam uma e mesma história. Tal justifica-se pela assumida preocupação em torno das necessidades museológicas e museográficas, em detrimento de realizar investigação científica *ex novo*. E, de qualquer modo, onde poderíamos nós inovar face aos contributos de grandes mestres das mais distintas áreas, desde a antropologia, à arqueologia, à história, à sociologia, passando pela engenharia, a economia, a geografia, entre outras. Procurar coligir o que se encontra disperso, oferecendo uma espessura temporal e não fugindo às problemáticas dos contextos, permitiu, assim o esperamos, abrir caminhos aliciantes, autorizou compreender que não é só de fibras naturais que se teceu e tece uma sociedade. Procurámos narrá-lo sem preconceitos, convictos de aspirarmos a ser anões ao ombro de gigantes.

Percecionámos, igualmente, que para que essas relações de sentido das narrativas pudessem ser compreensível a todos, teríamos de devolver voz aos intervenientes fundamentais desta longa e complexa teia, fossem eles os etnógrafos oitocentistas, políticos relevantes do Estado Novo, diretores de museus afins, entre muitos outros, mas principalmente, ouvir e colocar, em discurso direto, as tecedeiras, verdadeiras personagens principais desta

história. Corremos assumidamente o risco de vermos este texto ser entendido como uma manta dos mais diversos trapos, mas também não temos qualquer presunção de estabelecer um qualquer novo paradigma museológico. Aspiramos sim a ser úteis, suprimindo, nestes primeiros anos uma necessidade evidente, que cremos coletiva, porquanto resultante de uma experiência passada por uma comunidade, antes que a memória se apague pelo natural devir.

Essa urgência sugere-se-nos tanto maior, porquanto reflete as vivências femininas, esquecidas que geralmente são das grandes linhas da história, pois não eram, no geral, mestras da pena e do papel, tão pouco das suas próprias vidas. Será talvez pertinente recordar que, na época de funcionamento desta fábrica, as suas protagonistas haviam aprendido no ensino primário elementar economia doméstica. E a economia doméstica “permite às meninas que se tornem auxiliares das suas mães, quer ajudando-as nos trabalhos caseiros, quer substituindo-as na sua ausência; e que se convertam, por conseguinte, em excelentes donas-de-casa. A economia doméstica pode, pois, definir-se: a ciência da felicidade da família.” (X, 1928: 3) Com este horizonte de ambição, não é de estranhar que poucas mulheres se tenham destacado. O que não é menos verdade é que a Natividade Nunes da Silva representa uma forte ambição e emancipação da mulher, se bem que dentro das possibilidades do modelo social vigente.

Por fim, procurar-se-á questionar como uma antiga unidade fabril de tecelagem, que foi criada num determinado contexto económico e social, para um específico desígnio, pode ou não reconstituir-se como polo agregador relevante de uma comunidade e contribuir para a renovação cultural, económica e social da vila de Belver. Eis pois, mesmo que apenas esboçados, os propósitos deste texto.

Metodologia

Esta dissertação resulta de uma abordagem multidisciplinar, reunindo metodologias emprestadas de diversas ciências sociais, de modo a obter uma visão global da história da antiga manufatura têxtil, bem como da vila de Belver, no contexto histórico e social de semelhantes produções portuguesas. Para tal procedeu-se a um levantamento que se procurou exaustivo de publicações especializadas nas áreas da história, etnografia, sociologia, história das artes decorativas e engenharia.

Tal levantamento, que serviu para providenciar o quadro tipológico e tecnológico, bem como o enquadramento económico e social, revelou-se lacunar no que a Belver diz respeito. Nesse sentido, para além do edifício semiarruinado da manufatura, nada mais existia. Para refazer a história da vila, procedeu-se ao levantamento de fontes primárias. Foram compulsados e trabalhados os registos paroquiais de batismo, casamento e óbitos de Belver que oferecem informações desde o terceiro terço do Século XVIII até ao início do Século XX. A escolha deste tipo de documentação resulta como lógica, se atendermos a que se trata de fontes diretas, nos quais os agentes geradores da informação, os párocos, conheciam pessoalmente os registados. E os registados eram todos os que nasciam, viviam e morriam no termo de Belver ao longo deste período. Com estas fontes pudemos registar tecedeiras e saboeiros, já esquecidos, bem como fazer uma incursão breve sobre algumas características da comunidade, de modo a compreender a realidade económica e social.

Igualmente importante foi a análise dos primeiros periódicos locais, fosse “O Maçaense” de 1892, a “Aurora do Tejo” de 1884, ou o “Norte do Alentejo” de 1892, na procura de melhor compreender as preocupações das comunidades locais, no que os ditos títulos são, evidentemente, reveladores. Estes encontram-se na Biblioteca Nacional.

De enorme interesse foi igualmente algumas pesquisas aleatórias às Chancelarias reais. Apesar de nunca terem fornecido informações específicas sobre Belver, permitiram conhecer aspetos reveladores de um enquadramento mais complexo das indústrias estudadas, seja tecelagem, sejam as saboarias.

Estas fontes primárias, conjugadas com as monografias e artigos, nos quais temos de destacar três obras incontornáveis, a saber: “Monografia da antiga Vila de Belver” de J. C. Lobato Ferreira, com duas edições, a primeira de 1984 e a segunda de 1999, publicada pela Câmara Municipal de Gavião, bem como o estudo “Gavião – memórias do Concelho”, de José Dias Heitor Patrão, edição conjunta entre o município e a editorial Colibri, de 2003, a que teremos de juntar “Elementos históricos e etnográficos de Mação”, de Francisco Serrano, editado em 1935, reeditado em 1992, pela Câmara Municipal de Mação. Por fim, a “Monografia do concelho de Mação”, de António de Oliveira Matos, editada pelo autor em 1946, é de leitura proveitosa, permitiram recriar satisfatoriamente as vivências de Belver entre os Séculos XIX e XX. Todavia, revelou-se malograda a tentativa de compulsar a documentação do extinto município de Belver, tendo-se revelado infrutíferas as buscas nos arquivos regionais de Portalegre, Castelo Branco e Santarém, e municipais de Mação e Gavião, que muito teria auxiliado.

No que se refere à manufatura, foi feito o levantamento minucioso, entre os entulhos dos edifícios devolutos, de modo a resgatar fontes primárias. Essas fontes primárias consistiram na descoberta dos documentos oficiais de fundação, bem como na documentação que permitiu narrar a história da “Natividade”. Os documentos foram limpos, lidos, arrolados e arquivados (de acordo com o normativo geral de conservação preventiva), de modo a constituírem-se como arquivo histórico da manufatura. Para além de documentos escritos, livros de compra e venda, amostras de produtos, folhas de esquema de bordados, cartazes, etc., idêntico procedimento foi realizado para fotografias e negativos, bem como para os produtos que integram a coleção. A coleção é constituída, presentemente, pelas peças resgatadas em escombros e peças mais recentes, de uma exposição realizada pelo município de Gavião, aquando de um curso de formação profissional regido pela segunda mestra.

De forma a complementar toda a informação foram entrevistadas algumas dezenas de belverenses, tanto na vila, como em Abrantes e no Entroncamento, que através do testemunho partilharam memórias, que auxiliaram na recriação dos quotidianos. Foram entrevistados tanto antigos proprietários, como funcionárias, confrontando as informações de uns e outros com a documentação. As entrevistas mais significativas foram transcritas e, algumas dessas pessoas, permitiram a criação do documentário anexo “A teia, a trama e o tear”. A entrada na comunidade foi-nos possibilitada por José Rolo, presidente da junta de freguesia.

Para melhor compreender os métodos de produção têxteis acompanharam-se os trabalhos da Artelinho em Alcaravela. Para criar a

unidade de memória procedeu-se à visita de diversas unidades de natureza museal que foram criticamente analisadas. Do confronto com as diversas soluções museais, da entrevista com Madalena Brás Teixeira a propósito da criação do Museu do Traje, dos debates com Sónia Borges a propósito de curadoria rizomática e Maria Cristina Neto a propósito da história da etnografia portuguesa, bem como das homéricas contendas com as orientadoras e com os responsáveis municipais, bem como de diversas leituras da área específica, forjou-se o projeto expositivo, que corresponde à segunda parte da reflexão.